

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha)	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral		Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral	
dos correios	1\$100 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	dos correios	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »



SUMMARIO

Devoção a Maria—SECÇÃO DOCTRINAL: *O Norte e os Jesuitas*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Os Jesuitas*, pelo snr. M. Fonseca; *Volta-rão os Frades?*, (continuação), por um catholico; *Licções do dia*, pelo rev. snr. Padre Roberto Maciel; *A boa memoria d'um volumoso successo*, pelo snr. X—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. Ferreira—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Vieira-Prégador*, pelo rev. Padre Manoel Marinho—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã*, (2.ª parte), pelo rev. snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya; *A solidão e a Men-nice* (sonetos), pelo snr. Jacintho d'Almeida Motta; *Crentes e descrentes* (romance de propaganda religiosa); pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *Seculo XX* (poesia latina), por S. S. Leão XIII, e *A Jesus Christo*, (versão portugueza), pelo snr. A.; *O Problema de Lourdes*, (continuação), pelo Dr. Salles.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Dyonisio, papa*; *Lucta de Jacob com o Anjo*—SECÇÃO NOTICIOSA: *Carta da Snr.ª D. Rosa Calmon*; *Folhas soltas*; *Questão jesuitica*, etc.

Gravuras: *S. Dyonisio, papa. Lucta de Jacob com o Anjo.*



S. Dyonisio, Papa





DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—O' bemaventurada Virgem! Vós sois um pelago inexaurível de alegria, um mar vastissimo de misericórdias, um oceano de graça (S. J. Damasc).

Invocae a Maria.—Vós que sois, ó Maria, a nossa divina defeza, a nossa firme defeza, a nossa poderosissima defeza dos pobres, e dos que estão em perigo, defendei-nos do inimigo, para que não pereçamos no dia do juizo. (id.)

Alegrae a Maria.—Desejando ardentemente a perfeição. *Não será eternamente condemnado aquella por quem Maria uma vez orar.* (Santo Anselmo.)

SECÇÃO DOCTRINAL

O «Norte» e os Jesuitas

O Norte, apesar de saber que falta á verdade, e que deturpa os textos transcriptos, publica no seu n.º 348 de 7 de corrente varios trechos de *soidisants* jesuitas, em que pretende mostrar a reprovavel moral da *seita negra*, como elle pittorescamente se costuma expressar.

A prova porém, de que o exaggero (pelo menos) é a arma favorita d'aquella casa, evidencia-se com uma noticia publicada n'esse mesmo numero. Não é preciso interrogar os extranhos; elles são os proprios a mostrar-se taes quaes são. Senão veja-se:

Sob a epigraphie «Manejos da seita negra» publica o mencionado jornal uma noticia em que diz que não publica os accontecimentos passados n'esta cidade, porque lh'o veda o edital publicado pelo snr. governador civil. Mas accrescenta, textualmente, a seguir:

«Brevemente contamos dar tudo á estampa, devidamente correcto e augmentado» (Norte de 7 de Março de 1901, 1.ª pag., 5.ª columna, linhas 25, 26 e 27 da alludida noticia).

Ja veem os leitores que elle promette dar noticia dos factos occorridos, *mas tudo devidamente augmentado.*

E digam agora: é assim que se escreve para o publico? E' d'essa forma que se esclarece a opinião publica? Que juizo se póde fazer das suas apaixonadas diatribes, se elles deturpam tudo, alteram tudo, *augmentam tudo?*

Não somos nós que o dizemos. São elles proprios que o confessam.

Quanto á «Moral dos jesuitas» é assumpto velho e batido essas accusações feitas á Companhia de Jesus. Para se ver a sanha com que esta congregação foi sempre combatida, basta dizermos que tendo sido fundada em 1534 em Paris por Santo Ignacio de Loyola, e approvada pelo Papa Paulo III em 1540, logo em 1656 foi combatida por Pascal nas suas celebres *Provinciaes*, em que faz as mesmas accusações que o Norte actualmente está fazendo. E note-se que haviam decorrido apenas 116 annos, apoz a sua fundação. E comquanto Pascal fosse um grande genio, a Companhia subsistiu até 1773, em que o Papa Clemente XIV, apertado pelos principes da casa de Bourbon, e *para restituir a paz á Igreja (!)* se viu forçado o abolil-a.

Mas fez essa instituição tanta falta á Igreja, que o Papa Pio VII a restabeleceu secretamente em 1800, e depois solemnemente para a Russia em 1801, e para todo o mundo catholico em 1814. Quer dizer, a muito custo, esteve suprimida, durante 27 annos, apenas.

E a prova de que Deus os protege, basta ver em resumo o que se tem passado em França, foco dos descrentes e dos philosophos materialistas. Foram expulsos em 1762, por intrigas de Choiseul e M.^{me} de Pompadour. Mas breve reappareceram sob o nome de *Padres da Fé*; e, posto que não autorizados por lei, tornaram-se poderosos no tempo da Restauração. Em 1828, por decreto do ministerio Martignac, foram forçados a fechar as casas, e a retirar-se de França. Voltaram novamente em 1848, e apesar de terem sido feridos em 1880, ainda ficaram, para assistir agora á nova perseguição que se lhes está fazendo. Como principaes columnas da Igreja Catholica, soffrem o mesmo que Jesus predisse á sua Igreja: *Sempre combatidos, mas nunca vencidos.*

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Os jesuitas

«Fóra os Jesuitas! Fóra os Padres estrangeiros! Cumpra-se a lei do Marquez de Pombal!» brada-se.

De vagar, senhores.

Fóra os Jesuitas por quê?

Porque embrutecem a infancia? Mas os liberaes em evidencia, aquelles que

agora mais berram contra elles, mandam educar os filhos nos seus collegios. Se os Jesuitas embrutecem, quem é mais criminoso: elles, que ensinam o que sabem e o que teem no coração, ou os paes que, sabendo que o seu ensino é pernicioso, lhes confiam os filhos?

Porque teem uma religião sua, mui differente da da Igreja? Mas o Papa, que é o chefe d'essa Igreja, o doutor infallivel e o mestre da verdade, approva-os, louva-os, incita-os a proseguir na sua tarefa, considera-os filhos seus dilectos. Quem tem razão: vós, que não tendes auctoridade nem missão para legislar em coisas sagradas, ou o Papa, que tem uma e outra?

Porque teem uma moral relaxada? Provae-o, em vez de declamardes. Admittamos que um ou outro Padre da Companhia sustentou, em tempos que lá vão, doutrina pouco correctea. Mas o bom senso e a justiça consentem que se lance sobre toda a Companhia a responsabilidade das faltas d'um ou outro dos seus membros? Se respondeis affirmativamente, perguntar-vos hemos qual é a classe ou collectividade que não mereça anathema pelo mesmo motivo. A moral da Companhia é a da Igreja. Os Jesuitas não teem moral especial. Filhos submissos da Igreja, seguem os seus ensinos e d'elles não se afastam.

Porque dominam os povos e os Estados? Mas que dominio é esse, que em toda a parte são perseguidos? Que dominio é esse, se nas altas camadas são odiados pela austeridade da sua vida e pela integridade dos principios que sustentam, e nas baixas são perseguidos, ora por ignorancia, ora pelos embustes dos especuladores das paixões populares?

Brada-se:—Fóra os Jesuitas, porque os Padres da Companhia, sendo sacerdotes exemplares e ardorosos na defeza e manutenção dos principios da Igreja, são temidos pelos adversarios da mesma Igreja.

Quem brada:—Fóra os Jesuitas? Os franc-mações, os heterodoxos, os indifferentes em religião, os especuladores politicos, os devassos e tambem alguns que se dizem catholicos, porque foram baptizados, mas que conhecem os Jesuitas apenas pelo que d'elles dizem os inconscientes e maus.

Fóra os Jesuitas!... Mas, em nome de que principios?

Em nome da liberdade? Que contra-senso!

Em nome da liberdade póde ser-se protestante, buddhista, mormon, quaker, mahometano, atheu, tudo emfim que se queira na ordem religiosa. Jesuita, não!

Mas que doutrina é essa que o Jesuita professa, que o torna tão abo-

minavel aos olhos dos declamadores banaes?

Préga o Evangelho; é dos mais fieis arautos da doutrina emanada do Vaticano.

E' isto crime? Não, é virtude.

Fóra o Jesuita, que é estrangeiro!

Puro engano! O Jesuita é tão portuguez como vós. Jesuitas estrangeiros não os ha presentemente em Portugal. Houve-os, mas uns morreram, e outros recolheram já ás suas respectivas nacionalidades ou foram para missões fóra do nosso reino. Mas, se os houvesse, que lhe querieis vós? O nosso territorio não está fechado a subditos estrangeiros. O estrangeiro, seja qual fôr a profissão a que se dedique, tem aqui lugar. Quereis abrir excepção para o Padre?

Fóra os Jesuitas!... Mas como os conheceis? Em que se distinguem elles dos outros Padres? Vivem, porventura, em conventos? Não vestem como os outros sacerdotes? Entregam-se a misteres especiaes? Sabeis que ha Jesuitas em Portugal porque elles não occultam que o são. Vivem para ahí n'algumas cidades, como outros quaesquer Padres, em casas particulares, aos tres e aos quatro. Prégam, confessam e ministram sacramentos. Nem mais nem menos do que o que fazem todos os Padres que teem zelo e amor pela salvação das almas. Exteriormente não se differenciam dos demais sacerdotes, a quem chamaes muito a sério, ao menos apparentemente, «nacionaes»; interiormente talvez resem um pouco mais do que os outros, se lhes sobeja tempo para isso. Que tendes vós, vós ou o Estado, que vêr com elles como religiosos? Não os reconheceis como taes: que mais quereis? O Marquez de Pombal expulsou-os, desnaturalisou-os e tirou-lhes a entidade juridica. Uns sahiram á força, mettidos nos porões de navios; outros, em nome da liberdade, morreram em masmorras ou foram queimados na praça publica. Mais tarde, homens que pertenciam a esse Instituto expulso voltaram a Portugal. Não pediram que lhes concedessem direito algum politico ou civil; entraram ao abrigo da lei commum, como simples cidadãos, sem garantias algumas para a corporação a que pertenciam. São Padres como outros quaesquer, portuguezes de nacionalidade, com jurisdição episcopal, como os outros sacerdotes. Prégam e confessam uns, ensinam outros. Não teem misteres differentes do restante clero.

Fizeram votos de pobreza, castidade e obediencia? Fizeram. Que tendes vós ou o Estado com isso? São homens livres e não se lhes póde prohibir qualquer acto exterior e pessoal da vida religiosa, porque seria um inaudito attentado á liberdade de consciencia. Pois

vós podeis fazer quantos votos e juramentos vos aprouver, até juramentos que, como os da franc-maçonaria, são attentatorios da paz publica, e elles não podem consagrar a vida inteira a Deus, praticando os conselhos evangelicos?

Fóra os Jesuitas!... Queremos que se cumpra a lei do Marquez de Pombal!...

Quereis uma lei d'excepção para os Jesuitas? Quereis, como o Marquez quiz ha 141 annos, que elles sejam expulsos do reino para não mais puderem aqui entrar? Quereis tirar-lhes o direito de cidadãos portuguezes? Oh senhores, quereis voltar ao absolutismo, vós que encheis as bochechas com os principios liberaes e liberdade de pensamento e de consciencia?

Attendei um pouco. Em 1880 os Jesuitas foram dispersos na França. Num dia aprasado, os esbirros apresentaram-se á porta d'esses religiosos, intimaram-lhes a sahida e fecharam-lhes as casas. Os Jesuitas sahiram por uma porta e entraram por outra. Na sessão da camara dos deputados de 16 de novembro de 1900, o deputado Pousquery de Boisserin, republicano radical, segundo um telegramma que *A Palavra* publicou no dia 17, interpellou o governo sobre a reabertura de uma capella pertencente aos Padres Jesuitas.

Quereis saber o que Waldeck-Rousseau, presidente do conselho de ministros, respondeu? «Que, se não recorre aos decretos de 1880, foi porque essa legislação é impotente, pois as congregações, apenas foram dissolvidas, logo se reconstituíram.» E os Jesuitas lá continuam a estar, apesar dos decretos proscriptores e do odio da franc-maçonaria.

Em Portugal os Jesuitas não vivem em Congregação: vivem em casas particulares, aos poucos, ao abrigo das leis como quaesquer outros cidadãos portuguezes, como já dissemos.

Berraes que a cidade invicta, o baluarte da liberdade, está inçado de Jesuitas. Tendes dentro dos muros da cidade seis, apenas seis Padres da Companhia. Que gritaria,—Deus do céu!—por causa de seis homens, que prégam, confessam e ministram sacramentos! A liberdade corre perigo com a permanencia de seis Jesuitas na cidade. Que ridiculos sois!

Admittamos, porém, que gritaes, barafustaes, calcaes todas as leis da justiça aos pés e conseguis expulsar d'aqui esses seis homens, que são cidadãos portuguezes como vós, e cujos crimes são ter virtudes que vós, infelizmente, não possuís.

Pensaes que a Reacção, como chamaes á vida catholica pratica, baqueará? Estaes completamente enganados.

Graças a Deus, ha nesta cidade clero secular que desempenha os misteres a que se dedicam os Padres Jesuitas com o mesmo zelo e o mesmo fructo que elles. Expulsos os Padres da Companhia de Jesus, nem cessa a prégação evangelica, nem deixa de haver confissões, nem os sacramentos ficam por ministrar. O clero novo, com rarissimas excepções, se não é jesuita de profissão, é-o d'alma e coração.

Baldadamente lisongeaes o clero secular, chamando-lhe «nacional», verdadeiro discipulo de Jesus Christo, etc. O clero secular ama o clero regular, porque tem tido nelle sempre um auxiliar poderoso, um amigo dedicado e um mestre espiritual consummado.

Entre um e outro clero não ha emulações nem dissensões. O clero regular não faz concorrência ao clero secular, porque não procura beneficios, que lhe são vedados pela sua regra.

Quereis tambem abranger no vosso grito: «Fora os Jesuitas!» os Padres seculares, que, fieis ao cumprimento da sua missão, prégam o Evangelho de Jesus Christo, se entregam ao confissionario, ministram sacramentos e fomentam assim a vida de piedade entre os fieis? Se quereis, dizei-o com franqueza, para que toda a gente saiba que sois mais radicaes do que os revolucionarios francezes, que não só não conspiram contra a liberdade do clero secular francez, mas mantem os seus direitos a diversas Congregações e Ordens religiosas d'homens que sustentam o prestigio da França no Oriente, serviços que são reconhecidos por homens insuspeitos, que pedem a conservação dos Jesuitas em França, (apesar de não estarem reconhecidos), em attenção ao brilho e influencia que dão ao nome francez no Extremo Oriente, onde sustentam 1:590 orphanatos e collegios, que teem 36:550 alumnos. Esses homens insuspeitos, que acabam de manifestar o seu pensar em documentos publicos, são: Barthe, membro do Instituto; Bossonet-Maury, professor da Faculdade de theologia da Universidade de Paris; Gebhart, membro do Instituto; Anatole Leroy Beaulieu, membro do Instituto; Paulo Melon, membro do Conselho superior das colonias; Paulo Meyer, membro do Instituto; Morel Fatie, professor do Collegio de França; Jorge Picot, secretario honorario da Academia de Sciencias moraes e politicas; Boyer Collard; A. Sabatier, director da Escola de Estudos Superiores; Schllumberger, membro do Instituto; Sully Prudhomme, da Academia franceza; Tarde, membro do Instituto; Vancher, professor de theologia da Universidade de Paris.

Se é este o vosso proposito, não gritéis: «Fóra os Jesuitas!», porque é

hypocrisia. Gritae antes, porque é a expressão do vosso sentir: «Fóra o Padre virtuoso e digno!»

Fóra os Jesuitas!...

Vivendo como elles vivem presentemente em Portugal, a lei é impotente para os pôr na fronteira, a não ser que queiraes passar por cima das leis vigentes. Estão aqui com o mesmo direito que vós, comb cidadãos portuguezes que são, ao abrigo das leis fundametaes do paiz. Não vivem em Portugal como Congregação, porque não são reconhecidos como entidade juridica; vivem como particulares. Fizeram votos como religiosos, mas vós não tendes nada com isso: são homens livres, e livremente fizeram os votos que a sua consciencia e a sua vocação lhes ditaram. Fizeram esses votos com mais direito ainda do que vós fazeis juramentos na franc-maçoneria.

Continuae, pois, a clamar:—Fóra os Jesuitas, porque estaes no vosso direito, embora isso abone pouco o vosso bom senso e o espirito liberal, que tanto tendes na bocca e tão pouco no coração. E ficae certos de que, apesar de os tratardes como se foram feras indomitas, da bocca d'elles não sahirá uma palavra de maldição para vós, que tanto os odiaes sem os conhecerdes. As suas palavras,—d'isso estamos convencidos, porque os conhecemos bem—serão, á imitação de Jesus, de quem são discipulos, as que Este dirigiu ao Eterno Pae, quando expirava no madeiro da redempção. «—Perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem!»

M. FONSECA.

Voltarão os Frades?

AO CORRER DA PENNA

(Continuação)

Tudo contra!

As Rivalidades monasticas.

Um dos argumentos, que tem sido apresentados contra a existencia das ordens religiosas, são as Rivalidades, que se notavam e ainda hoje notam entre os institutos de diversas origens ou de diversas naturezas.

Não louvamos essas *Rivalidades* e, quando ellas ultrapassam certos limites, são dignas de um severo castigo.

Sabemos até, que esses procedimentos foram por mais de uma vez censurados, e que deram causa á desunião e falta de socego entre conventuaes, assim como foram motivo de serem canonicamente extinctas algumas casas religiosas e até algumas ordens.

A historia não deixa de apresentar-nos muitos exemplos de factos, que tem relação com esta materia.

Mas a historia tambem affirma, que

essas rivalidades nunca deram causa a uma total extincção monastica em todo o orbe catholico e decretada pelos chefes das nações ou pelo Pontifice.

Quando esse mal se tornava mais grave, as auctoridades competentes tratavam, apenas, de evital-o no futuro.

*

* *

Se, porem, essas rivalidades não eram dignas de louvor, eram, pelo menos, justificaveis.

Isso explica-se. Bem sabemos, que algumas ordens entendiam, que eram superiores a outra ou a outras, ou pela sua antiguidade, ou pelos privilegios, que dos Pontifices e dos Monarchas houvessem recebido, ou pela nobreza dos seus diversos membros e de diversas epochas ou pelas suas riquezas ou pelos factos e tradicções, com que podiam honrar-se.

Ao contrario, não tem faltado conventos, que se ufanem de serem mais modernos e, por tanto, de uma epocha mais civilisada, ou de serem de uma ordem mais humilde e, por isso, mais conforme ás doutrinas do Divino Mestre; ou mais rigorosa no cumprimento dos jejuns e penitancias; ou de uma ordem, que conta maior numero de santos, de beatificados e de martyres.

Não tem faltado conventos, cujos habitantes se ufanem de ter sahido da sua ordem um grande numero de Bispos e de Arcebispos; de terem a ella pertencido muitos principes e pessoas de alta aristocracia e não poucos titulares; de ter creado um grande numero de professores e mestres insignes; de ter os templos mais magestosos e as habitações mais amplas; e e ainda por motivos, que escusado será ennumerar e que muita gente não ignora.

Tudo isto é verdade, mas nada d'isto admira.

*

As rivalidades entre as ordens religiosas eram e são tão naturaes, como são as rivalidades, que em todas as classes se notam.

São erros, inherentes á natureza humana e são effeitos de causas, a que ninguem pode ser indiferente.

Bem se sabe, que ninguem deseja ser menospresado e que o amor proprio, posto que seja um vicio, é inherente a todos os que amam a dignidade pessoal.

Quando alguém censurava ou menospresava qualquer convento, os habitadores d'elle tratavam de defender-se, fundando-se no valor e na importancia da ordem, a que pertenciam.

E, por isso allegavam meritos, serviços, haveres, intelligencias, e feitos, com que a mesma ordem tinha direito a ennobrecer-se.

E n'essas allegações e nas suas defesas, cada uma das ordens se salientava procurando mostrar a sua superioridade.

Eis a origem das rivalidades monasticas e das mutuas censuras entre as diversas ordens.

E' bem sabido, que muitas d'estas são filiaes de outras ou d'ellas são uma reforma. E, por isso, as rivalidades recrudesciam de seculo para seculo.

As ordens primitivas julgavam-se superiores pela antiguidade; as reformadas ou filiaes entendiam, que lhes levavam vantagem pela approvação da reforma.

*

* *

O que, porem, se notava entre os conventuaes, ainda hoje se nota, guardadas as devidas differenças, entre muitas ou antes entre todas as classes da sociedade.

Os nobres julgam-se superiores aos artistas e apontam ufanos para os seus pergaminhos. Os artistas, porem, respondem, que a verdadeira nobreza está no trabalho e que os mais nobres pergaminhos são as artes.

Entre os artistas, cada classe se julga mais digna de consideração, assim como na propria arte cada um se julga mais honrado e mais perito.

Entre a classe da nobreza cada individuo, assim como cada familia julga mais distinctos os seus brazões e entende, que os seus timbres tem mais valor, que os de outras familias, que se presam de terem eguaes direitos ás cortezias e aos elevados tratamentos.

Na classe militar, cada membro entende, que o seu regimento é mais nobre e mais distincta a sua arma, ou pela antiguidade da origem, ou pela difficuldade dos seus exercicios, ou pela belleza das manobras, ou pelos seus feitos, sempre dignos de memoria, ou pelas tradicções, com que se ennobrece.

Rivalidades constantes se notam entre os habitantes das povoações. Uns fundam-se na sua importancia commercial, na descripção dos seus edificios e nos seus serviços politicos; outros fallam da antiguidade da sua terra, da nobreza da sua origem, dos feitos, que a distinguem e dos naturaes, que lhe deram fama.

Em fim, em todos os tempos, em todas as classes e em toda a parte as rivalidades, filhas do amor proprio e de um egoismo desculpavel, serviram e servem de assumptos para longas palestras e para entreterem imaginações ou aspirações elevadas.

*

* *

Todas estas nossas frases revelam franqueza e pôr isso tambem com franqueza dizemos, que essas rivalidades

não eram motivo para a extinção dos conventos, muito embora pudesse ser um dos pretextos para tal medida.

Egualmente entendemos, que podiam formular-se leis civis, que evitassem os efeitos mais graves d'esses habitos, tão proprios da humanidade.

E que a nossa asserção é verdadeira prova-se pelas reformas, que, de tempos a tempos, se faziam nas ordens monasticas e provam-se pelas visitas, que aos mosteiros mandavam fazer os respectivos geraes e os Pontífices, muitas das quaes eram a pedido e pelas queixas, que lhes dirigiam, os poderes temporaes de todos os tempos e de todos os paizes catholicos.

Um catholico.

Licções do dia

Quem semeia ventos ha-de colher tempestades.

A sociedade portugueza está colhendo hoje o que seus filhos d'outr'ora semearam; e a semente d'hoje tambem, um dia, produzirá seus fructos.

Não admiremos tantos desvarios e desordens, porque, como muito bem diz Bonald, o grande pensador d'este seculo — *ha sempre grandes desordens, onde ha grandes erros.*

A proclamação dos principios de 89, a proclamação dos direitos do homem e a negação e desprezo dos direitos de Deus, necessariamente haviam de arrastar o povo ao abuso da liberdade, á revolta, á anarchia, á sua completa desorganisação.

O povo, essa eterna creança, instrumento cego das revoltas, tem sido iludido, enganado, trahido, pelos *falsos prophetas*, pelos *doutores da lei*, que d'elle têm feito pedestal ou escada para os seus *arranjos*, para as suas especulações, para as suas iniquidades. E, afinal, é o povo quem soffre, é o povo quem paga, é elle o opprimido e logrado, só e abandonado, nos braços da sua desgraça.

E, refinada astucia! o povo ainda sem abrir os olhos, sem conhecer o embuste, sem descobrir o verdadeiro traidor!

Fallaram-lhe em liberdade, mas a tal liberdade — cada um fazer o que lhe aprouver; lisongearam-lhe as paixões, dando-lhes rédea solta, proclamando a sua nefasta soberania; rasgaram-lhe horisontes de felicidade sobre a terra, promettendo-lhe o que, ha seis mil annos, ainda não pôde ser descoberto ou conquistado na terra — um paraíso: e o povo, creança ingenua, pulsando-lhe o entusiasmo no coração, salta para a rua, solta gritos subversivos, aggride e mata, removendo quantos obstaculos

possam contrariar as suas paixões, rebater as suas theorias, cohibir ou condemnar os seus abusos.

Obra logicamente, embora no erro, porque o enganaram, porque o traíram.

Ora a maior responsabilidade n'esta traição cabe, sem duvida, á imprensa subversiva e impia, á imprensa egoista, á imprensa sem pudor nem criterio... á imprensa desmoralisadora. E' ella a escola de cada dia e de todos os lares, verdadeiro assassino das consciencias, veneno das familias e malfeitor da sociedade.

E não menor é a responsabilidade dos que, podendo e devendo, não têm cohibido taes abusos, pondo entraves sérios e efficazes a tão perniciosa propagação do mal.

Compreenda cada um a sua missão, cumpram todos o seu dever, castigando erros e reprimindo desmandos, e os falsos prophetas ou doutores da lei hão-de convencer-se da sua ignorancia ou maldade, seguindo novo rumo, para bem seu e do proximo.

PADRE ROBERTO MACIEL.

A boa memoria dum volumoso successo

BRILHARAM os populares: porque fraternisaram com os academicos.

Brilharam os academicos: que estiveram á altura dos populares.

Brilhou o patriotismo: porque se fallou a gosto dos protestantes, que são *di lá*, viva a patria!

Brilhou a liberdade, dando morras aos amigos mais dedicados das glorias patrias e do esplendor da religião do estado.

Brilhou a liberdade do pae e levou o diabo a liberdade da filha.

Brilhou a liberdade mas era perigoso andar em certas ruas.

Brilhou a liberdade da pedra, e estalavam de liberdade os vidros.

Brilhou a liberdade de fallar e bem ou mal todos fallamos.

Brilhou a liberdade d'escrever e bem ou mal todos escrevemos.

Brilhou a liberdade e inventaram se muitas petas.

Brilhou a liberdade e multiplicaram se *fabulosamente* os Jesuitas.

Brilhou a liberdade, e o diabo andou á solta.

Brilhou a liberdade, e perturbou-se a paz.

Brilhou a liberdade como brilha o sol n'um dia de trovoadas.

Brilhou a liberdade dos que bebem e berram e perderam-a os que soffrem e pensam.

Brilhou a liberdade do insulto e rebentaram-lhes os queixos.

Brilhou a liberdade das manifestações e manifestou-se muita tolice.

X.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

Blasphemia horrivel é o perguntar-se, onde se acha o Deus immenso e infinito! Nem quando nós oramos e gritamos de coração a Deus: «Nosso Pae» ce-leste, não posso mais já supportar este mal, eu não sou tão forte!... , com-tudo *non mea voluntas, sed tua fiat*... , nem então beberemos nosso calix? Quem me creou a mim, diz Santo Agostinho, sem eu isso querer antecipadamente, não me quer salvar a mim, sem trabalhar eu tambem na minha salvação. Manda-me a necessidade que mais uma vez exclame de coração: Meu Deus todo poderoso, minha fra-queza é toda extrema, sem Vós nada posso: humilho-me de todo meu cora-ção na preeença de Vossa immensida-de... Adoro-Vos, meu Deus, com a submissão e respeito devidos a Vossa tremenda e soberana magestade... Se orarmos todas as pessoas d'este mundo a um mesmo tempo, Deus certamente a todas nos ouvirá. E não estará no outro mundo no mesmo tempo? Certamente: logo Deus está em todo e qual-quer lugar, aqui, etc.

Deus é um espirito purissimo, e como tal está em toda e qualquer par-te ou lugar, um na essencia, trino em pessoa, Padre, Filho, Espirito Santo, um espirito simplicissimo, senhor, con-servador providentissimo, concededor de tudo quanto existe agora, existiu ou existir. E' o Evangelho a escola de Jesus Christo, que tanto nos ensina or-dem: eu, por tanto, devo ser humilde, mortificado, paciente, caritativo. Ado-remos Jesus Christo, Medico celeste de nossas almas infelizes, commettendo tantos males, e mesmo com gosto, em cada um dia. E' a fragilidade humana, e a queda ou a calamidade que nos faz humildes.

A Providencia me tem mandado os varios districtos; emfim, cá estou com a minha primeira freguezia, de quasi 70 fogos, e com 22\$230 réis de con-grua; sacrificando ainda para os rece-ber 12 p. c. ao recebedor da comarca! Graças ao que meus bons paes me dei-xaram, vou aqui vivendo, quasi vege-tando.

33 annos vão quasi passados já de- pois que tomei conta d'esta, não direi infeliz, freguezia; mas com intermit-tentes. Estão os freguezes bem satis-feitos commigo, pois não dão parte de

mim; eu, porém, bem pouco satisfeito, porque não vêem ao ensino da pura doutrina christã. Não sei aonde ir que mais valha, por ser a moda hoje: saber muito sem estudar algumas cousas, etc. Por conseguinte, não pode nem deve argumentar-se a respeito de religião com quem não quer saber a doutrina catholica. Que aprenda quem não sabe. Ninguém aprende senão á sua custa. «Os mundanos, diz o apóstolo S. Lucas, são mais prudentes que os filhos da luz.» Logo que os taes filhos do seculo formam um projecto qualquer não pensam n'outras cousas, não fallam d'outras cousas; estudam os meios, os mais proprios, de chegarem aos resultados em vista; empregam estes meios com ardor e perseverança; os christãos, pelo contrario, ahi os mesmos religiosos não se dedicam ás cousas religiosas senão com tepidez e indolencia; um nada os desanima, um frivolo mau successo lhes faz perder o animo a ponto de se poder dizer, que não esperam em Deus; que não teem fé, nem coragem? — mais que para um extranho. Deus não se pode ter em tão pequenina conta...

Foi em 1856, em que os anteriormente meus primeiros freguezes ou parochianos lograram ter um outro parochio, além do então seu parochio. Também eu sou esse outro parochio, recebendo aquillo que pertence áquelle, trabalhando. Elles despeitados por um qualquer motivo, puderam livrar-se de pagar áquelle desde ha bastantes annos. Como as gentes do mundo são applicadissimos em lucrar para o futuro bens passageiros, nós padres e religiosos havemos de ser insensíveis a nossos verdadeiros interesses? havemos de nos esquecer de nossos erros não emendados, e de que nosso unico negocio é a pratica da virtude?—assegurar nosso futuro, nossa eternidade por nossas boas obras?—o cuidado, emfim, de sempre nos acharmos no estado de graça? nós que temos a ganhar ou perder bens, gosos sem medida, uma gloria eterna!

Trabalho para minha eternidade. Só esta unica ideia faz vencer todas minhas difficuldades. Quando isto escrevo não é por vaidade pueril; é a minha eternidade a minha permanente morada; o tempo está na eternidade também, que nunca se acaba n'esta ou na outra vida. E'-nos preciso formar, pois, dentro em nós esse templo espirital de paredes acabadissimas, o mais fielmente possivel, de perfeito affecto e amor ás divinas leis. A lei divina eterna os nomes das pessoas que a seguem á risca. E' sublime esta missão!

«Cyrillo e Methodio, (é Leão XIII que nos falla superlativamente), irmãos germanos, nascidos de paes illustres em

Tessalonica, foram, de tenra idade, para Constantinopla, afim de aprenderem n'essa cidade, que era a capital do oriente, as sciencias humanas. E a centelha do genio que brilhava já n'estes adolescentes não ficou paralyzada, porque ambos fizeram em pouco tempo grandes progressos; sobre tudo Cyrillo, que conquistou nas sciencias tal renome que p~~ro~~ honral-o d'uma maneira especial appellidaram-no o *Philosopho*.» Levantadas philosophias! O peccado é propriamente o abuso da liberdade da natureza do homem. A liberdade bem entendida póde-se dizer a verdadeira nobreza do homem, — é ser nobre de nobre acção. E' o culto de Cyrillo e Methodio a melhor prerogativa dos verdadeiros filhos de nosso bom Deus sobre a terra.

(Continúa.)

A. S. FERREIRA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Vieira-Prégador

Vieira-Prégador é o titulo modesto d'um valiosissimo trabalho, com que o sr. P. Luiz Gonzaga do Valle Coelho Cabral, S. J., acaba d'enriquecer as letras patrias. Nos dois livros em que dividiu o seu estudo, propoz-se o auctor «contribuir para tornar mais conhecido e apreciado o immortal Padre Antonio Vieira e para dar novo alento aos estudos da oratoria sagrada, de ordinario tão descurados na nossa patria.»

Ha livros que só se podem definir pelo lado negativo, dizendo o que elles não são, e assim quando uma publicação revela incorrecções de linguagem ou falta de methodo, os ajuizadores benevolos costumam dizer d'ella simplesmente, *que nada encerra contra a fé nem contra a moral*. Com a obra, porém, do sr. Padre Cabral ninguem de boa fé poderia usar de semelhante lacerismo; trata-se d'uma obra de alto merecimento, que se recommenda a um tempo pela materia e pela forma. Não é de poucos mezes, é de muitos annos o estudo, que o talentoso escriptor offerece á publicidade. Sobre o assumpto que versa o *Vieira-Prégador* vale por uma biblioteca. O vulto gigantesco do Padre Antonio Vieira apparece-nos ali, restituído á sua verdadeira integridade moral e desannuviado dos preconceitos em que por largo periodo andára amortalhado. E que preconceitos! Julgue-se d'elles pelo que escreveu F. A. Lobo no final do seu *Discurso Historico e Critico*:

«A posteridade, mais cega ainda pelo odio doestou as suas egregias qualidades, vilipendiou os seus talentos,

calumniou as suas intenções, escureceu as suas obras, imputou-lhe aleivosamente culpas, perturbou, por ultimo, e affrontou com furor barbaro as suas cinzas.» Já se tinha feito muita luz sobre o character de Vieira, já se haviam publicado grossos volumes; faltava porém um estudo completo, feito por um Padre portuguez, por um filho benemerito da Companhia. Coube esta gloria ao sr. Padre Cabral.

Cumpriu-se, embora tardiamente, um dever de justiça, de patriotismo e de gratidão. Já isto, só por si, deveria bastar para que o clero portuguez acolhesse com entusiastico applauso e justo reconhecimento a obra com que a honra um dos seus membros mais illustres. Assim o manifestam, em verdade, as apreciações que alguns dos nossos collegas veem publicando. Devemos contudo accentuar que, a nosso vêr, a feição mais sympatica do *Vieira-Prégador* está no seu valor educativo. Formar Padres que sejam verdadeiros apóstolos, pela doutrina e pelo exemplo,—eis a grande obra a que devem consagrar-se todos aquelles que trabalham em salvar a sociedade. Tudo quanto, de perto ou de longe, se encaminhar a este rumo deve ser aproveitado com escriptura. Tal é a razão por que o *Vieira-Prégador* não deve ser considerado simplesmente como um *livro util*, mas como um *livro necessario* sobre tudo no ensino de oratoria sagrada nos seminarios.

Sob este ponto de vista o trabalho do sr. P. Cabral veio preencher uma lacuna que ha muitos annos se fazia sentir entre nós. O *Vieira-Prégador* é eminentemente pratico, como deve ser o estudo da oratoria sagrada. O auctor soube compilar e systematisar quanto encontrou de melhor, entre nacionaes e estrangeiros, e juntou também muito de sua lavra. Procedeu em tudo como educador experimentado: não isolou as faculdades; quando se dirigiu de preferencia a uma, não se esqueceu das outras. Applicou-se a instruir, mas intentou principalmente educar. A parte didactica acha se amenizada pela juxtaposição de exemplos adequados, que interessam a sensibilidade, auxiliam a memoria e recreiam a imaginação. Por este processo torna-se menos fastidioso e muito mais util percorrer os dois grossos volumes do *Vieira-Prégador*, do que estudar qualquer dos compendios de oratoria que entre nós teem sido adoptados: Soares Barbosa, Borges de Figueiredo, Roquete, etc.

A epoca que atravessamos é de lucta accessa contra o Padre; precisa este de se preparar, de longe, com armas de rija tempera, e bem brunidas. Rejubilamos, pois, diante do *Vieira-Prégador* e fazemos sinceros votos para que el-



Lucta de Jacob com o Anjo

le assumo, em breve, o honroso logar, que lhe compete no quadro das disciplinas preparatorias dos seminarios.

PADRE MANUEL MARINHO.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.^a PARTE

V

Gruta do tempo

CORREU um vento norte de raclhar, e constipou-se muita gente, que principiou por espirrar rijo e terminou com uma tosse persistente e bronca, que lhe fez botar, não direi os bofas; mas sim muita bilis peçonhenta pela boca, e com tanta vehemencia e estrepito, que fazia dó.

Mas a sabia junta de saude publica reuniu conselho, pensou no caso, e, depois de se arbitrarem varios remedios da sua sapientissima pharmacoepia, escolheu-se, quasi por unanimidade, o remedio vulgarissimo dos sinapismos, applicados sem dó, para que passem bem, e, quando a doença se mostrar persistente, pontas de fogo.

E mal apenas se annunciou a receita arripiaram-se os doentes com tal vehemencia, que lhes produziu um suor copioso, e tão benefico, que sem principiar a usarem do remedio, não se ouviram mais os taes espirros, e mesmo a tosse se tornou tão branda, que não incommodou mais aos vizinhos.

Não quer dizer isto que o tal andago esteja debellado: mas é o certo que a febre abateu nos atacados, e perdeu o character contagioso, com que se apresentara nos primeiros dias.

Se porém apparecem aqui e alem casos d'alguma importancia, os individuos bemfazejos os da junta de saude estão alerta e tem preparados sinapismos, para alguns milhares.

Até agora tem sido muito maior o trabalho da vigilancia, que o do tratamento, porque os atacados esconderam-se, como os invisiveis da bubonica.

Tambem para estes se prepara amplo e hygenico hospital, que não se dirá *Guellas de Pau* mas sim *Guellas do Mar*.

Das táes pontas os caridosos Doutores somente em casos extremos, segundo nos dizem, usarão, o que muito estimamos: porque os táes remedios extremos são, por vezes, peores que a propria infirmitade.

Estão tambem estudando aonde convirá mais aos convalescentes irem tomar arê, para ficarem por forma tal curados, que o seu halito não venha de futuro iniciar o mal n'estas paragens.

Outro sim estudam as causas efficientes d'esta pestilencia com o nobilissimo intuito de as aniquilarem, para que nunca mais possam tornarem a produzir tão desastrosos effectos.

Queira Deus dar-lhes saudinha, para que possam aturar tanto trabalho e muita luz para que vejam e palpem as putridas emanações, que certos antros exalam, e animo generoso, para os desinfectarem devidamente, se no possivel cabe, ou os fecharem, para que não continuem a pôr a saude publica em perigo e a sociedade em alarme, como acaba de succeder.

Estes são o votos unanimes, dos que estimam, no que ella vale, a saude publica; a qual, perturbada, faltam braços, para o trabalho, animo, para a pratica das virtudes, pão, para os pobres, e as alegrias para todos.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A solidão

«A minha prima Palmyra de Jesus actualmente recolhida do Convento de Freixinho

Amo-vos muito, terna solidão!
Pelas lições tão santas que me daes,
Porque em vós, livremente, solto os ais
D'um arrendidissimo christão!

Vós sois a mui celestial Syão,
Que, sublimes e bellas, encerraes
As virtudes dos justos, que nos daes
Para exemplo de nossa correccão.

Buscam vos para serem grandes santos
Os que a conversão sua emprehenderam,
Depois que com maldade e crimes tantos,

Ao Amavel Jesus, muito offendêram;
E em vós, ó solidão, com ternos prantos,
Acham o amor divino que perdêram!

A meninice

Ao meu companheiro do collegio Manuel Joaquim Ferreira da Fonseca

Na vida, a idade mais bella e excellente,
E' a meninice, egual em tudo á rosa!
Pois con o ella é tambem mui graciosa
Em sua forma tão meiga e innocente!

Em seus brinquedos, mostra assaz jocosa
A expansão d'um espirito ridente,
Que não pensa na vida descontente,
Que ha-de ser para si, tão trabalhosa!

Distrae-se n'esse alegre sentimento,
Que então a Providencia lhe concede,
E o qual é apenas um breve momento

Nenhuma outra ventura a tua excede,
O' meninice! tão grande é o tormento,
Para aquelle que mui cedo te perde!

JACINTHO D'ALMEIDA MOTTA.

Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa

III

Uma amiga verdadeira

(Continuado de pag. 271)

—Admira-me ter a comadre ainda a estas horas o fogão apagado. A que horas tenciono jantar?

—Jantar? Eu ainda não almocei, nem d'isso me lembrava.

—E os seus doentes?

—Olhe, comadre: o meu Manoel está n'aquelle estado que vê; já perguntou onde estava, mas ficou outra vez na mesma prostração em que tem estado. A Guilhermina, coitada, tossiu toda a noite, e agora dorme muito descansada, tendo tomado o remedio ha coisa d'uma hora. Mas eu vou accender o lume, aqueço-lhe um gole de leite, e vou levar-lh'o á cama, e depois faço um caldinho para mim, e outro mais apurado para os meus doentes.

E cahindo em si, deu de mão á inacção em que a fatalidade a tinha collocado, e tratou de accender o lume, sem se importar da presença da comadre, que por mais vezes havia assistido á sua faina caseira.

—Tem-lhe chegado o dinheiro que hontem lhe dei?—perguntou D. Anna.

—Oh! minha boa comadre! Mal de mim se tinha já gastado tudo, apesar de ter feito despezas com que estava longe de contar!

E interrompendo por um minuto o serviço que estava fazendo, continuou, voltando-se para a comadre:

—Mas veja a minha desgraça! Eu que vinha tam contente mostrar o dinheiro ao meu Manoel, tencionando tirar d'elle quinze tostões para pagar o aluguer, outro tanto para tirar do peñhorista uma saia minha e um casaco d'elle, e reservando o resto para a nossa despeza... vim encontrar a desgraça que já sabe!

E sem forças, para se conter, rompeu n'um violento choro, de forma que os soluços lhe embargaram totalmen- a falla.

—Deixe-se d'isso agora—atalhou D. Anna, verdadeiramente commovida com a desgraça da sua amiga. Aos bons apalpa Deus, minha boa Luiza; mas Ellesabemais o que faz dormindo, do que nós bem acordados. Aqueça o leitinho para a minha afilhada e vá levar-lh'o á cama, que nós temos que conversar.

E Luiza assim o fez. Accendeu o lume, pôz a aquecer uma cafeteira com um pouco de leite dentro, e foi levar-o á cama da filha emquanto que D. An-

na se conservava silenciosa e sentada n'uma cadeira, na cosinha.

—E então?—perguntou ella, mal a comadre voltou.

—A minha Guilhermina bebeu o leite, e la ficou dormitando. O meu Manoel está na mesma. Se não fosse uma leve respiração, que só se presente, collocando o ouvido sobre a bocca, dir-se-hia que estava morto.

—Bem. Sente-se agora aqui, ao pé de mim e ouça. Hontem, quando cheguei a casa, disse ao meu Francisco as circumstancias em que vocês estavam. Elle ouviu, ouviu, ouviu, mas não disse coisa nenhuma. Fumava o seu cachimbo, e parecia estar distraído.—«Tu não ouves o que te digo?»—perguntei-lhe. Sorriu-se e não respondeu. Dahi a instantes levantou-se, vestiu outro casaco, poz o chapéu, e disputou-se a sahir.

—«Para onde vaes?» perguntei-lhe, admirada, porque elle muito raras vezes sae á noite.—«Vou á Associação Catholica, respondeu apenas; preciso de fallar com um amigo.» E saiu. Por aqui pode ver a comadre, que eu fiquei bem esperaçãda. O meu Francisco é de poucas fallas, mas é bom do coração, e é meu amigo. Quando voltou seriam onze horas. Eu não costumo esperar por elle, quando vem assim mais tarde; mas hontem tractava-se de si, dizia-me o coração que se tratava de si, e por isso esperei por elle.

—A comadre é muito minha amiga, la isso é verdade, concordou Luiza, que a escutava em verdadeiro interesse.

—Pois como lhe ia dizendo—continuou D. Anna,—o meu Francisco ficou contente por me vêr a pé; parece que até os olhos se lhe riram. Sentamos á meza, para o chá. Então elle contou-me que tinha fallado com o Padre Francisco que diz missa em casa da Sr.^a D. Margarida que é muito boa senhora, e elle ficou de fallar hoje com um amigo que é intimo do snr. Cruz da Fundição do Ouro, e tem a certeza de obter um logar para elle. O peor foi o que lhe aconteceu. Com essa é que nenhum de nós contava! Mas tenha a certeza de que Deus é Pae, e não abandona os que confiam n'elle.

—Muito tenho que lhe agradecer.

—Olhe; eu vou a casa jantar, e volto logo para aqui. Quero vêr o que diz o doutor, quando vier de tarde. E de caminho trago lhe mais algum dinheiro, porque você agora precisa de fazer mais despesas...

—Mas isso... comadre... será muito... eu não sei, se deva...

—O seu Manoel, em se restabelecendo, ganha dinheiro, e você me pagará, como poder. Tenho fé em Deus, que elle já hoje ha-de ficar melhor, e

eu vou logo á encerração do Senhor, agradecer-lhe mais esse milagre. E até logo, sim comadre? Tenha muita fé em Deus, e em Nossa Senhora, e verá como ainda ha-de ter muitos dias de felicidade. ;

—Deus a ouça, comadre, que, para mim tem sido mais do que uma mãe. Tem sido uma enviada de Deus.

E D. Anna apertou-lhe a mão, que a pobre beijou reconhecida, orvalhando-a com verdadeiras lagrimas de reconhecimento.

Depois entrou na salleta, onde estavam os dois enfermos. Beijou a filha-da que dormitava, contra o seu costume, graças sem duvida ao calmante que lhe receitara o doutor; contemplou Manoel ainda sem movimento, e sahio vagarosamente.

Luiza veiu acompanhá-la ao portal.

—Até logo, comadre—disse D. Luiza.

—Até logo, até logo. Eu volto, para que não fique entregue, só, aos seus tristes pensamentos.

E seguiu pela rua abaixo.

Luiza subiu de novo; mas antes de ir para a cosinha começar a fazer o jantar, ajoelhou-se deante do crucifixo, e agradeceu de todo o coração, ter-lhe enviado um dos seus anjos, para lhe suavisar as agruras mais intensas, o calix do soffrimento que Deus lhe dera para esvasiar.

Continúa.

A. PEIXOTO DO AMARAL

Seculo XX

Eis a admiravel poesia que o glorioso Pontifice Leão XIII compoz a proposito do novo seculo e que foi publicada n'uma elegantissima edição da Typographia Vaticana.

Nós reproduzimos-a do *Osservatore Romano*:

AN. CHRIST. MDCCCC.

PRIDIE KALENDAS IANVARIVS

A IESV CHRISTO

IN EVNTIS SAECVLI

AVSPICIA

Cultrix bonarum nobilis artium
Decedit aetas: publica commoda.
Viresque naturae relectas,
Quisquis avet, memoret canendo.

Saecli occidentis me vehementius
Admissa tangunt; haec doleo et fremo
Pro! quot, retrorsum conspicatus,
Dedecorum monumenta cerno.

Querarne caedes, sceptraque diruta,
An pervagantis monstra licentiae?
An dirum in arcem Vaticanam
Mille dolis initium duellum?

Ōuo cessit Urbis, principis urbium,
Nullo impeditum servitio decus?
Quam saecla, quam gentes avitae
Pontificum coluere sedem?

Vae segregatis Numine legibus!
Quae lex honesti, quae superest fides?
Nutant, semel submota ab aris,
Atque ruunt, labefacta iura.

Auditis? effert impia conscius
Insipientis grex sapientiae;
Brutaque naturae supremum
Nititur asseruisse numen.

Nostrae supernam gentis originem
Fastidit excors: dissociabilem,
Umbras inanes mente captans,
Stirpem hominum pecudumque miscet.

Heu quam probroso gurgite volvitur.
Vis impotentis caeca superbiae.
Servate, mortales, in omne
Iussa Dei metuenda tempus,

Qui *vita* solus, certaue *veritas*,
Qui *recta* et una est ad Superos *via*.
Is reddere ad votum fluentes.
Terrigenis valet unus annos.

Nuper sacratos ad cineres Petri
Turbas piorum sancta petentium
Is ipse duxit: non inane
Auspicium pietas renascens.

Iesv, futuri temporis arbiter,
Surgentis aegis cursibus annue:
Virtute divina rebelles
Coge sequi meliora gentes.

Tu pacis almae semina provehe;
Irae, tumultus, bellaque tristia
Tandem resident: improborum
In tenebrosa age regna fraudes.

Mens una reges, te duce, temperet,
Tuis ut instent legibus obsequi;
Sitque unum Ōvile et Pastor unus,
Una Fides moderetur orbem.

Cursum peregi, lustraue bis novem,
Te dante, vixi. Tu cumulum adice;
Fac, quaeeso, ne incassum precantis
Vota tui recidant Leonis.

LEO XIII.

A Jesus Christo

Ode ao novo seculo

(Versão livre)

Finou-se para sempre mais um seculo
Que culto ás bellas artes prestar soube!
Mas cante muito embora os seus progressos
Quem n'isso fizer gala;

Eu não; pois que me pungem os seus erros,
Que mais que os progressos, n'elle avultam!
Se os olhos ao passado volver mando,
Vergonhas mil descubro.

Posso eu acaso ver, sem funda magoa,
As licenças? Os sceptros destruidos?
E então os mil immensos attentados,
Té contra o Vaticano?

E n'ella veio alfim refugiar-se
A honra da cidade, Mãe do mundo!
Pois sempre foi ahi que as gerações
Os Papas respeitaram.

Infaustas leis, imigas do Senhor!
A boa fé findou com as más leis;
Sem Deus, não ha direitos, pois que caem
Desfeitos, como o pó.

Ouvis, ao longe, a voz dos insensatos?
A vã sabedoria vocifera,
E diz impietades, pois só ama
A força da materia.

Avilta o sabio a propria raça humana,
Não crendo ser divina a sua origem;
E não duvida unir a humanidade
A' vil dos animaes.

A esse ponto chega o seu orgulho!
Orgulho cego, horrivel, impotente!
Mal vae a quem não guarda, como deve,
As ordens do Senhor!

Só Elle é vida e verdade e luz!
Só Elle constitue caminho recto!
Só Elle pôde dar aos annos idos,
As nossas orações.

Foi Elle quem outr'ora conduziu
Aos pés de Pedro os homens piedosos,
Que vinham pedir graças para a alma
Ao resurgir da fé!

Sorri, Senhor, ao seculo que nasce,
Chamai-o para vós, ó Rei potente!
Fazei com que as nações se prostrem todas
A vossos santos pés.

Que a paz se estenda etherea a toda a terra,
Fazei Senhor! Não haja mais as luctas!
E affastae, ó Deus, trações dos maus,
Dos homens para longe!

Os Reis guiae na vossa santa lei,
Afim de serem todos vossos filhos...
No mundo exista apenas um rebanho,
E um Pastor somente.

A vida eu findei, mas já vivi
No mundo duas vezes nove lustros.
Uma só fé vos pede com instancia
Leão, o vosso servo.

A.

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES (Versão do francez)

(Continuado do n.º 2)

Os juizes, por sentenças fundamen-
tadas, e o chimico Filhol, por uma
analyse seria, acabaram d'uma vez
com este grosseiro gracejo reconhecen-
do que a agua da Gruta não differia
em nada da agua do Gave.

*

* *

A simples reflexão permite de ob-
ter a prova evidente d'isto.

As aguas mineraes têm cada uma a

sua constituição propria, e a sua ac-
ção apenas é salutar n'um certo grupo
de doenças, muito limitado, segundo
se tem observado.

A cura de Lourdes de doenças in-
teiramente differentes, prova pois cla-
ramente que o effeito obtido não pôde
explicar-se pelas qualidades *mineraes*
da agua empregada.

*

* *

Os effeitos *hydrotherapicos* da agua
da Gruta não podem explicar melhor
as curas extraordinarias de Lourdes.

E' certo effectivamente que muitos
enfermos são curados em Lourdes
mesmo *fora da piscina*. Uns têm obti-
do a sua cura em casa, outros perante
a Gruta, outros ainda na procissão do
SS. Sacramento.

E' pois permittido concluir que o ef-
feito *hydrotherapico* da agua fria não
serve para nada em taes casos, e que,
por consequencia, a sensação, por ve-
zes salutar, causada pelo frio, não pô-
de explicar as curas extraordinarias
de Lourdes.

A Suggestão não explica as curas extraordinarias de Lourdes

Vimos já que a theoria da suggestão
havia feito uma má applicação para
explicar as visões de Bernadette; de-
monstrámos tambem que esta theoria
que é o *pastel da nata* dos contradic-
tores de Lourdes, era impotente para
nos dar a explicação *scientifica* do pri-
meiro dado do problema.

Vamos provar agora que esta mes-
ma theoria não pôde explicar mais effi-
cazmente as curas extraordinarias de
Lourdes—terceiro dado do problema.

*

* *

O professor Charcot, que conhecia
experimentalmente o valor das curas
extraordinarias de Lourdes, andou toda
a sua vida preocupado com a reso-
lução d'este problema.

O seu espirito scientifico irritava-se
á vista d'estas manifestações do sobre-
natural, e queria *apezar de tudo* en-
contrar a explicação das mesmas no
jogo das leis naturaes.

A' falta de cousa melhor, o grande
especialista das duerças nervosas con-
tentou-se com condensar a sua impo-
tencia n'uma phrase de grande effeito
que no fundo não passa d'uma simples
formula.

«E' a fé que cura.»

Eis a explicação que a sciencia deu
com Charcot ás curas de Lourdes.

Esta grande descoberta não é afinal
outra cousa mais do que uma conse-
quencia da theoria da suggestão.

A fé cura os enfermos em Lourdes,
de dois modos:

1.º Elles curam-se porque estão for-
temente impressionados pelas diversas
formas da oração publica, canticos,
supplicas, discursos, cerimoniaes impo-
nentes, enthusiasmo collectivo, que então
não são mais do que meios de suggestão.

2.º Os enfermos saram porque hau-
rem em si mesmos uma confiança abso-
luta, e então dá se a *auto-suggestão*.

Esta engenhosa theoria pôde em rigor
explicar as curas *d'ordem nervosa*, mas
é impotente e quasi pueril quando se
trata de lesões *materiaes*, que todo o
mundo pôde verificar.

Charcot, não podendo deixar de
reconhecer a fraqueza do seu systema
com relação a este assumpto, quiz para
salvar as apparencias dar um exemplo,
que tivesse uma pequena semelhança
com as curas extraordinarias de Lour-
des.

Apóz pacientes investigações não
conseguiu o grande sabio encontrar e
citar mais do que um só caso, o de
Mademoiselle Coirin que soffria, havia
quinze annos, d'uma chaga no seio, e
que foi curada pela applicação d'uma
pouca de terra do tumulo do diacono
Páris.

Este caso é na verdade interessa-
tissimo, porque mostra bem que o sys-
thema nervoso pôde representar um
papel importante na *persistencia* ou na
cura d'uma chaga, mas é necessario
não esquecer que esta acção não pôde
produzir-se senão nas pessoas que apre-
sentam *signaes* manifestos d'uma doença
nervosa.

Mademoiselle Coirin estava n'este
caso, pois que a observação medica
descobriu n'ella todo o cortejo habi-
tual das doenças nervosas.

De resto, uma chaga *nervosa* é uma
cousa rara, rarissima, como muito bem
diz o Dr. Boissarie, pois que o Dr.
Charcot teve necessidade de remontar-se
até 1731 (mais de 150 annos) para
encontrar um exemplo, e entretanto
este caso, *unico* opposto ás *numerosas*
curas similares de Lourdes, nada tem
de extraordinario, e a sciencia não se
vê embaraçada para o explicar.

(Continua.)

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Dyonisio, papa

(Vid. pag. 61)

S. Dyonisio succedeu a Callisto II,
que soffreu a palma do martyrio, no
tempo do imperador Valeriano a 6
d'agosto de 258. Foi eleito papa em 2
de julho de 259.

Morreu a 26 de dezembro de 260.

Lucta de Jacob com o Anjo

(Vid. pag. 67)

Já por vezes, entre as nossas narrações bíblicas, para illustrar os nossos leitores ácerca das gravuras publicadas, nos temos referido á poetica historia de Jacob.

Diremos hoje ainda algumas palavras, a proposito da gravura de hoje.

Ja aqui nos referimos á questão suscitada entre Esaur e Jacob, a proposito da primogenitura, e á fugida de Jacob para casa de seu tio Labão, onde desposou suas duas primas Lia e Rachel, mencionando os filhos que d'ellas teve.

Agora vamos fallar da partida de Jacob de Galaad para a Palestina, no regresso da casa de Labão. Depois de se ter congratado com este, que o foi procurar ao caminho, e o reprehendeu por ter partido com suas filhas, sem se despedir d'elle, teve aviso de que seu irmão Esau marchava contra elle para o matar.

Jacob mandou adiante os seus servos com os rebanhos que queria offerrecer a seu irmão, e passou toda a noite luctando com um desconhecido que lhe appareceu, sem que conseguisse vencel-o. Tendo-lhe dito depois que se chamava Jacob, o anjo, porque o era, o desconhecido, respondeu-lhe:

«Para o futuro chamar-te-has Israel, que significa «forte contra Deus.»

Eis o assumpto da nossa gravura de hoje.

SECÇÃO NOTICIOSA

Carta da Sr.^a D. Rosa Calmon

O nosso presado collega «A Palavra» publicou uma interessante carta da Sr.^a D. Rosa Calmon, que nós hoje reproduzimos para elucidação dos nossos leitores.

Eis a carta:

«Porto, 4 de março de 1901.—Snr. redactor d'A Palavra—Apezar de não ter lido ha muito tempo A Palavra, imagino que esse jornal ha-de ter tratado a questão Calmon d'um modo bem differente dos jornaes que me tem chegado ás mãos. Estes trazem coisas falsas, falsissimas, a meu respeito e como um d'elles chegou a dizer que me retirava do Porto por minha vontade, muito favor me faz transcrevendo n'esse jornal as linhas seguintes, caso ellas lhe cheguem ás mãos, pois depende de eu poder metter esta carta em algum marco postal. Retiro-me do Porto e vou com a minha familia para a Austria, não por minha vontade, co-

mo falsamente dizem, mas porque não tenho outro remedio, visto as auctoridades negarem-me a protecção que deviam prestar-me. Só tenho encontrado injustiças com que eu nunca podia contar e por isso não posso nem devo reagir mais—contra a força não ha resistencia. Espero que na Austria ou em qualquer outro paiz onde ficarmos não acontecerá o mesmo, hão-de fazer-me afinal justiça.

Tambem li nos jornaes que devo herdar uma grande fortuna d'uma pessoa de minha familia, o que é tambem completamente falso, tanto que de boa vontade lego essa fortuna immensa a quem a quizer, mas só previno que essa pessoa ficará esperando uma fortuna que nunca lhe chegará, pois que não existe. De tudo o que me tem indignado mais é vêr a maneira injusta como têm sido tratadas algumas pessoas que se têm interessado por mim, quando ellas, se têm trabalhado em minha defeza, o que é verdade, foram levadas a isso por um sentimento de dignidade e rectidão, ou melhor só por caridade, é essa a palavra que exprime mais o que sinto, nenhum lucro tinham em fazerem-me ou não essa justiça, mas essas pessoas em nada influiram sobre o meu modo de proceder nem tiveram a menor responsabilidade em nenhum dos meus actos.

A todos que se interessaram por mim agradeço muitissimo reconhecida por este meio, que não tenho outro para o fazer, e nas minhas orações pedirei a Deus todos os dias da minha vida que lhes pague tudo e lhes dê uma grande recompensa no ceu.

Com muitos agradecimentos sou com toda a consideração

De V. etc.

Rosa Maria Calmon da Gama.

Folhas Soltas

Vae começar o seu 3.^o anno de publicação esta obrinha de propaganda catholica.

Tudo n'ella é pequeno, simples, modesto.

Pequeno, simples, modesto o seu programma, que se resume n'esta palavra: educar. Educar, no sentido catholico e social, o povo, os pobres, os operarios.

Pequenos, simples, modestos os seus distribuidores—singelos operarios, que nas horas de descanso, sobraçando um masso de «Folhas», percorrem os meios mais refractarios á religião e ordem social, onde o nome de Deus é desconhecido, senão odiado, a verdade ignorada, senão aborrecida.

Pequeno o seu formato.

Simple e modesta a sua linguagem. E todavia que bem tem feito!

Tem versado os assumptos mais importantes e hoje mais discutidos da religião e sociologia catholica; combateu o protestantismo, cada dia mais ousado na sua propaganda; o socialismo sempre utopico, atheu e revolucionario, e, por consequencia, perigosissimo para o povo trabalhador; desmascarou o espiritismo tão seguido ainda por espiritos cultos.

N'esta missão distribuiu, até hoje, gratuitamente, 127:000 exemplares, ou 254:000, suppondo, com fundamento, que cada exemplar era lido por duas pessoas.

Que apostolado!

Do bem que tem feito, dos santos desejos que tem inspirado, das bôas resoluções a que têm impellido, falam bem alto as cartas que temos recebido desde o primeiro dia da sua apparição; as honrosas referencias que lhe tem feito a imprensa catholica; e sobretudo as benções que lhe têm concedido alguns dos nossos prelados, a protecção valiosissima dos catholicos praticos, que bem conhecem o seu dever, e a necessidade que ha de propagar a boa imprensa, e oppor um dique á torrente de más doutrinas que parece querer submergir o mundo.

Passa de 200\$000 reis que até hoje temos gasto com esta obra, e tudo devemos ao favor dos amigos, ás esmo-las de almas grandes, sempre bem inspiradas, sempre animadas de santos desejos.

Relembrando estes beneficios, devemos agora dar graças ao bom Deus, que assim moveu os corações, protestar a todos o nosso profundo reconhecimento. No altar sobretudo, com Jesus Hostia sob os olhos, e na mão, daremos expansão a estes sentimentos, porque lá, em todo o tempo, pediremos graças especiaes para os nossos propagandistas amigos, e bemfeitores, para os quaes ainda hoje appellamos, porque os meios faltam, o cofre está exausto, esgotados os meios pecuniarios.

Faltar-nos-ha a sua protecção, terá a obra de desaparecer, cessará o bem que estava fazendo? Não o cremos, apezar de sabermos que os catholicos estão constantemente a ser importunados para obras identicas, porque têm espirito largo, coração generoso, alma grande, porque temos a certeza de quo para a salvação de seus irmãos não fariam só um sacrificio pecuniario; mas o sacrificio da propria vida. Temos no nosso campo, a nosso lado, d'estas almas; é certo o seu auxilio e protecção.

D'esta maneira, sem perda de tempo continuemos a derrota, avancemos con-

tra o inimigo que se apresenta audaz, e ameaçador.

Senhores que me ledes, catholicos, tornaes-vos apóstolos da boa imprensa, nomeadamente das «*Folhas soltas*», e merecereis a graça promettida aos que evangelizam a paz!

Caros propagandistas, coragem! animo! tenacidade n'uma propaganda *continua, methodica, fructuosa*. Sede tambem vós apóstolos, isto é, homens d'oração, homens de Deus. Não esqueçaes nunca o lemma da nossa bandeira: *Deus é a minha força!*

Para a frente!

O vosso trabalho é ingrato, difficil; penoso, mas lembrae-vos que «para uma hora de victoria, são precisos mezes d'obscuro labor.» Na coragem, no valor, na audacia «está o segredo do real successo.»

Para a frente! Contae comigo, sempre estarei ao vosso lado.

Padre Benevenuto.

P. S. Pedimos que todos os donativos se remetam ao Snr. *Antonio Pacheco*, Administrador do «*Grito do Povo*»—Praça da Batalha—115, Porto.

Padre Benevenuto.

Encyclopedia Portugueza Illustrada

Recebemos o fasciculo 103 d'este excellente dicionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 509 artigos e 15 figuras, abrangendo os vocabulos *Cervos* a *Chailletiaceas*. Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos *Cetaceos* do snr. Eduardo Sequeira, *Cezimbra* do snr. Jayme de Faria, *Chá* do snr. dr. Paulo Marcellino e *Chagas* do snr. Firmino Pereira.

Continua a assignar-se este excellente dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

A questão anti-jesuitica

Tinhamos feito proposito de nada dizer ácerca d'essa malfadada lucta que depois da questão Calmon tem agitado quasi todo o paiz.

Todos sabem o que são odios sectarios, e o quanto ha muito manobram as lojas maçonicas, com o fim de darem em terra com a religião. Esse era o seu *el-dorado*, e para esse fim trabalham activa e perseverantemente ha muito tempo. Como, porém, isso seja obra de longo folgo, e de *muito duvidoso* exito pratico (mesmo para essas ócas cabeças), lembraram-se dos decretos

do marquez de Pombal e eil-os a berrem—abaixo os jesuitas,—conscios de que abatida a cabeça, facilmente cahiria o resto do corpo.

E eis logo os jornaes republicanos, e os orgãos *soi-disant* liberaes a incitarem o povo contra as congregações religiosas. E o povo, que é hoje infelizmente (em grande numero) falto de crenças, cahiu na esparella, porque lhes pintaram os jesuitas como uns monstros que comem creanças, que roubam donzellas, que teem uma doutrina differente da do resto da Egreja, que ensinam e pregam a devassidão e o assassinato, e outras sandices que taes, começa pois a clamar contra tudo quanto é santo e digno, e eil-o em magotes e em arruaças a apedrejar as casas das pessoas religiosas, as congregações das Irmãsinhas dos Pobres, e congeneres casas de piedade e religião, sem receio de serem presos por attentarem contra a propriedade alheia, e contra a religião do estado.

Em vista d'essa crescente sedição popular, que ameaçava engrossar e augmentar de audacia, se não fosse reprimida, teve de intervir a policia, acutilando os disculos que alteravam a ordem publica.

D'ahi as interpellações no parlamento, e o edital do snr. governador civil prohibindo os desmandos da imprensa. E o governo declara pela bocca do snr. presidente do conselho aos representantes da nação que não podia permittir os desmandos populares, porque eram um attentado á propriedade, á ordem publica e ao respeito devido á auctoridade, que tem por dever proteger os cidadãos. E que *emquanto durasse a agitação popular*, nada poderia fazer em favor dos que solicitavam a sua intervenção na questão religiosa. Mas *apenas a effervescencia das paixões* tivesse terminado, proporia ao parlamento o que julgasse mais conveniente para serem cumpridas as leis, e attendidas com a devida justiça as reclamações dos peticionarios.

Era justo e sensato.

As arruaças, porém, espalharam-se pelo paiz. Socegado mais o Porto, em vista do edital do snr. governador civil, começam a sentir-se em Lisboa promovidas pelos estudantes, que em vez de estudarem, se entreteem a excitar as paixões populares, fazendo disturbios e correndo á pedra propriedades e pessoas que lhes deveriam incutir respeito e veneração.

E tamanha era a effervescencia dos animos, que segundo correu, chegaram a querer apedrejar a carruagem do proprio monarcha quando, no sabbado 9 de corrente, pelas 8 horas da noite, se dirigia para o theatre.

Não sabemos se este acto influiu,

no que depois succedeu. O que é certo é que no dia seguinte (10 de corrente), apezar de ser domingo, reuniu de tarde á pressa o conselho de ministros e ás 6 horas estava assignado um decreto, referendado por El-rei e por dois ministros da actual situação, os snrs. ministro do reino e da justiça, mandando que os governadores civis inquirissem ácerca da legalidade ou illegalidade das congregações religiosas, e que mandassem fechar as que, no praso de 8 dias, não apresentassem os estatutos por que se regiam devidamente aprovados.

E, apezar das solemnes declarações do snr. ministro do reino nas duas casas de parlamento, este decreto appareceu publicado na folha official, logo no dia seguinte, segunda feira 11 de corrente!

Como admittir n'esse caso a sinceridade do exc.^{mo} snr. Hintze Ribeiro? Como é que, em plena effervescencia dos animos, pois que no dia 10 ainda eram apedrejadas em Lisboa differentes casas religiosas, sendo presos e acutilados os sediciosos e assaltantes,—se assignava semelhante decreto? Seria devido, como logo correu por toda a parte, a uma imposição do paço? Não sabemos, nem nos importa averiguar isso. O que podemos affiançar é que, se assim foi, perdeu o ministerio uma excellente occasião de pedir a sua demissão. Cahiria nobremente, e fazia um grande serviço ás instituições. Vamos dizer a razão. Publicando o governo o decreto que publicou, nada adiantou porque os jornaes liberaes receberam-no de má vontade, e não desistem de injuriar o ministerio. E, se em vista d'elle forem fechadas algumas casas de beneficencia religiosa, ficando os doentes, os velhos, os indigentes na penuria, e ao desamparo, faz crear protestos, desanimos e desaffeições entre os catholicos (que como o governo sabe sempre foram serios, ordeiros e respeitadores da auctoridade constituida); e d'essa forma, desagradando aos jacobinos que queriam ver tudo por terra—o que não é possivel fazer-se—, desagradam tambem aos catholicos porque não hão de ver com bons olhos esse acto de crueldade praticado contra quem se desprende de tudo para apenas se voltar para Deus, e para o bem dos seus semelhantes infelizes.

E, crear descontentes n'estas occasiões, é engrossar o partido republicano.

E' esta a nossa humilissima opinião.

Varias noticias

—O snr. tenente de cavallaria Ernesto Augusto Pinheiro, que presentemente estava na disponibilidade, foi mandado apresentar-se no commissariado de policia d'esta cidade, para serviço publico. Fica servindo de adjuncto ao snr. dr. Adriano Acacio de Moraes

Carvalho, digno commissario geral de policia.

—Com as chuvas que cahiram no principio do mez, derreteram-se as neves que havia nas montanhas, e o resultado foi haver uma cheia no rio Douro. Durante nove dias estiveram interrpidos os trabalhos de navegação na barra. O primeiro dia de movimento foi no dia 8. N'esse dia entraram a barra 10 vapores, que haviam estado abrigados em Leixões. No numero dos vapores entrados, incluye-se o cruzador portuguez «S. Raphael» que veio fandejar em Massarellas, pela pôpa da corveta «Estephania».

—Realizou-se ultimamente em Valença a reabertura da igreja da extincta collegiada de Santo Estevão. Depois de benzida, sahiu uma procissão da igreja de Santa Maria, para aquelle templo, sendo ahí exposto o Santissimo Sacramento á veneração dos fieis.

—Falleceu em Braga, o exc.^{mo} commendador Fulgencio José da Costa Guimarães. Deixou um extenso testamento, no qual contempla grande numero de amigos, e um avultado numero de irmandades, confrarias e corporações religiosas. Paz á sua alma.

—O correspondente noticioso de Mathosinhos para o «Primeiro de Janeiro» publica o recenseamento da população, segundo o ultimo censo, da freguezia de Infesta, e diz entre outras cousas que ha la 586 homens casados e 659 mulheres casadas. Pode ser muito exacto... mas, á primeira vista, parece aquella fregezia, onde, segundo affirma va Calino se casavam mais homens do que mulheres.

Homenagem a um missionario
Um santo missionario, o Padre Guyodo, da Congregação do Espirito Santo, prefeito apostolico da Guyana, onde foi apostolo durante quarenta e um annos, perseguido por odios sectarios, deixou, em 1892, este paiz para ir evangelisar o Gabon. Morreu em 1897, deixando uma verdadeira reputação de santidade.

O povo reconhecido da Guyana quiz, a todo o preço, possuir no seu torrão os restos venerados do seu apostolo e conseguiu transportal-os para ali. A sua entrada em Guyana foi um verdadeiro triumpho, como nunca se viu na colonia: quando o carro funebre que conduzia os preciosos despojos chegou ás portas de cathedral, o templo estava repleto e tres quartos dos assistentes ficaram fóra.

Desde este dia, conta o conselheiro geral e um dos promotores d'esta manifestação popular, o sr. Luiz Herard, os antigos parochianos do santo missionario vão orar no seu tumulo, que o culto da recordação e do reconhecimento não cessa de florescer.

LUIZ GONZAGA DO VALLE COELHO PEREIRA CABRAL

VIEIRA-PRÉGADOR

Estudo philosophico da eloquencia sagrada

SEGUNDO A VIDA E AS OBRAS DO

GRANDE ORADOR PORTUGUEZ

A obra constará de dois volumes em 8.^o grande, que comprehenderão ao todo umas 1000 paginas, nitidamente impressas em excellente papel assestinado (typo elzvir).

O primeiro volume será illustrado com um primoroso retrato de Vieira (phototypia da casa Biel) expressamente composto para esta obra pelo distincto professor de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes, o Ex.^{mo} Snr. José de Brito.

O numero de exemplares d'esta obra é limitado.

Preço dos dois volumes

Por assignatura (paga adiantada)	1\$600 reis
Avulsos	2\$000 reis

Editor—José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74

O primeiro volume está quasi concluido.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 103—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial
Portuense de 1887, Industrial
de Lisboa de 1888 e Univer-
sal de Paris de 1889*

Frabrica de damascos de sêda e ouro,
lisos e lavrados; paramentos para egreja;
galões e franjas d'ouro fino e falso;
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas
Famílias reaes Portuguezas.

Catecismo de Perseverança

Está á venda o 8.º volume d'esta
importantissima obra, que concluiu.
O preço d'este volume é de 1\$000
reis brochado, 1\$280 reis meia enca-
dernação e 1\$360 reis encadernação
de carneira.

Pedidos a Antonio Dourado, Passeio
da Graça, 41 a 43—Porto, e em to-
das as livrarias.

Almanach de Santo Antonio PARA 1901

3.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Já está á venda este excelente *almanach*,
Vem consideravelmente melhorado, tanto na
parte litteraria como na parte artistica. Inser
numerosos artigos doutrinaes e moraes, poe-
sias escolhidas de auctores contemporaneos :
de outros já fallecidos, historias e lendas reli-
giosas, contos moraes, aneddotas, e pensaentos,
curiosidades etc.

Preço: Em brochura, 250 réis; encade-
rnado com bellissima capa de percalina, 320 réis.

Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das
Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.
Cento, 600; avulso, 10 réis.

Forma de se ganhar com es- pecialidade a singular In- dulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 réis.

Catecismo contra o Protestan-

tismo, Composto pelo Cardeal Cuestasa
Arcebispo de S. Thiago; appro-
vado e recommendado pelo Em.º Cardeal
Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 réis; 25
—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

Preces que por ordem de Sua Santidade
o Papa Leão XIII, devem ser re-
citadas de joelhos depois das missas rezadas
em todas as egrejas do orbe catholico. Cen-
to, em portuguez, 800; em latim e portuguez,
cadaexemplar 50 réis.

Flores a S. José

Meditações para o seu Mez

OU
Qualquer tempo do anno
COM
Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas,
Santos Padres, doutores da Egreja
e outros eminentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço, enc. f. 200

Pedidos ao Editor Catholico José Fructuo-
so da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI
da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios
com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes
exemplos extrahidos das obras de
SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO
e de outros bons auctores

*Com permissão do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto*

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 160 réis
Broch. 100 réis

LADAINHA

DO

Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Egreja pelo Summo
Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos
Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Avulsas 10 »

FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

*Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na
Encyclica de 25 de Maio de 1899*

Approvada pelo Ex.º Sr. Vigario Capitular
Coelho da Silva

Preço em cartão 10

MEZ DE S. JOSÉ

OU

A VIOLETA DE MARÇO
VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTO POR

*Dr. Theologo Domingos de Souza
Moreira Freire*

*Com permissão do Em.º Sr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto*

2.ª EDIÇÃO

Augmentada com o **Modo de ouvir
a Missa pelos Defunctos**. Brocha-
do 100; enc., 160 réis.

As Tres Rosas dos Escolhidos

Tradução da 2.ª edição franceza

PELO

Ex.º Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

*Approvada e recommendada
pelo Em.º Sr. D. Americo, Cardeal Bispo
do Porto*

e pelo Ex.º Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12,
francos de porte, dirigindo-se ao editor José
Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—
Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-
sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.ª edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catoli-
cos. Preço 600 réis.

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.
VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

Todos estes livros se ven-
dem na Redacção do "Pro-
gresso Catholico," — Rua da
Picaria, 74—PORTO.